

## ANÁLISE DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA NO CONTEXTO BIBLIOGRÁFICO

Keylane Pedrina da Silva Santos<sup>1</sup>  
Enayde Fernandes Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo tem o objetivo de investigar os desafios do processo de alfabetização em tempos de pandemia, a partir da literatura relacionada à temática produzida no período pandêmico. O interesse pelo tema surgiu das vivências em uma turma com crianças em processo de alfabetização durante o estágio, o qual se deu de forma remota devido ao surgimento do vírus da Covid-19. Trata-se de um estudo bibliográfico, que analisa artigos que trazem como tema a alfabetização em tempos de pandemia. Para tanto, buscamos os seguintes descritores: “alfabetização”, “tecnologia” e “letramento”, nas bases de dados Scielo e Capes, entre os anos de 2020 e 2021. Podemos afirmar, como resultado desta análise, que houve alguns desafios que se interpuseram ao processo de alfabetização na pandemia, tais como a desigualdade no acesso ao ensino remoto enfrentada por alguns alunos e manutenção da qualidade do ensino durante as aulas.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Letramento, Tecnologia.

### ABSTRACT

This article aims to investigate the challenges of the literacy process in times of pandemic, based on the literature related to the theme produced during the pandemic period. The interest in the theme arose from the experiences in a class with children in the literacy process during the internship, which took place remotely due to the emergence of the COVID-19. This is a bibliographical study, which analyzes articles that deal with literacy in times of pandemic. For this, we searched the following descriptors: "alphabetization", "technology", and "literacy", in the Scielo and Capes databases, between the years 2020 and 2021. We can state, as a result of this analysis, that there were some challenges that stood in the way of the pandemic literacy process, such as the inequality in access to remote education faced by some students and maintenance of the quality of teaching during classes.

**Keywords:** Alphabetization, Technology, Literacy.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Piauí - FAESPI. E-mail: keylanepedrina641@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí e Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de de Ensino Superior do Piauí - FAESPI. E-mail: enaydesilva@faespi.com.br.

## INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 teve início no Brasil no ano de 2020. Com a manifestação do vírus, o processo de alfabetização se tornou ainda mais desafiador para os profissionais da educação. Diante dessa realidade imposta, tanto os professores como os alunos tiveram de lidar com as dificuldades já existentes no ensino de maneira geral, com destaque para a rede pública. Observou-se que o ensino público não possuía preparo para o ensino remoto, e enfrentou inúmeras dificuldades, no entanto, algumas possibilidades foram consideradas na tentativa de evitar o aumento nos índices de evasão escolar. Para tanto, foram pensados trabalhos para serem desenvolvidos por meio das tecnologias, como o uso do aplicativo WhatsApp como uma das alternativas de fácil acesso.

À medida que as ações foram sendo implementadas, os alunos apresentavam suas dificuldades, como casos de famílias sem acesso à internet ou com apenas um aparelho, com falhas de conexão etc. Ou seja, podemos destacar que a desigualdade social, que afeta diretamente os alunos da rede pública, aumentou durante esse período pandêmico, sendo que uma grande parte dos estudantes não acompanhou o processo de aprendizagem. Dessa forma, buscamos responder à seguinte questão problema: como ocorreu o processo de alfabetização nos tempos de pandemia?

A justificativa da escolha do tema se apoia nas vivências em turmas com crianças em processo de alfabetização durante o estágio, que se deu de forma remota devido ao surgimento do vírus da Covid-19.

Num primeiro momento, medidas de distanciamento e de respeito à quarentena se tornaram imprescindíveis, isso levou à necessidade de suspensão das aulas presenciais. Posteriormente, como alternativa ao ensino, as escolas adotaram o modelo das aulas remotas ou do ensino a distância. Essa iniciativa foi primordial para que os alunos não ficassem sem aulas no ano letivo.

Nosso objetivo geral é investigar o processo de alfabetização em tempos de pandemia. Os objetivos específicos, por sua vez, são: identificar as estratégias docentes utilizadas na alfabetização em tempos de pandemia, a partir da perspectiva bibliográfica; e analisar as dificuldades encontradas pelos professores durante o processo de alfabetização por meio do ensino remoto.

Nosso estudo encontra-se dividido em cinco seções: a introdução, que contempla intenção do trabalho; o referencial teórico, que trata sobre a teoria e expõe o pensamento de autores que refletem sobre o tema; a metodologia, em que se explica os mecanismos utilizados

e o processo para se chegar à conclusão da pesquisa; os resultados e discussões, em que se abordam os principais aspectos relacionados ao tema; e por fim as considerações finais, com os principais pontos de vista sobre o assunto.

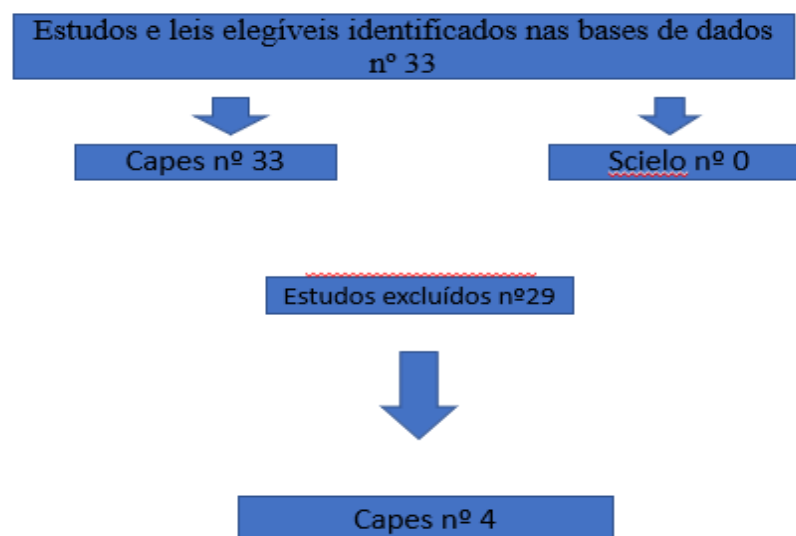
## METODOLOGIA

A presente pesquisa procurou investigar quais são as estratégias que os professores utilizaram para ensinar as crianças a ler e escrever no ensino remoto e quais foram os desafios enfrentados pelos educadores diante dessa realidade.

Segundo Gil (1999, p. 65), a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituída principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa forma, optamos por uma revisão integrativa como metodologia, partindo da coleta de dados para aplicação de pesquisa em sites relacionados ao tema em estudo.

Foram selecionados artigos publicados nos últimos 02 anos (2020 a 2022) em virtude do contexto da pandemia, nas bases de dados Banco de Periódicos Scielo e Capes. Os dados foram extraídos a partir das contribuições acadêmicas dos autores que publicaram sobre o tema, nisto está baseado o delineamento da pesquisa, bem como os resultados dos estudos detalhados. Assim, essas análises e sínteses dos dados foram realizados de forma descritiva. As etapas do estudo encontram-se detalhadas na Figura 1:

**Figura 1 - Seleção dos artigos**



Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Foi preciso um longo período para que as escolas e professores se organizassem para enfrentar o desafio de viabilizar o processo de alfabetização em tempos de pandemia. Desafio esse que até hoje necessita de atenção plena em todos os aspectos, devido aos impactos que tendem a se perpetuar, principalmente no ensino básico. É evidente que os professores se depararam, juntamente com as escolas, com as dificuldades inerentes ao processo de readaptação ao ensino remoto, nesse sentido, era preciso empreender todas as ações necessárias para prevenir que as crianças não fossem despojadas do seu processo de alfabetização.

Há que se destacar que o contexto da pandemia foi bastante delicado, de modo que os professores não se viram em posição de cobrar o desenvolvimento de escolarização aos responsáveis pelas crianças, pois muitos estavam preocupados com problemáticas essenciais, como a alimentação. Então, compreendeu-se que a escola pública é parte do Estado, e como tal, tem responsabilidade social, como consta no art. 26 da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). Enquanto as escolas estiveram fechadas, os professores buscaram compreender a realidade de cada aluno. A maior parte deles não tinha acesso à internet, e acabava não acompanhando o ensino, o que atesta o aspecto da desigualdade como um motivo gerador das maiores dificuldades a serem enfrentadas pelos profissionais do ensino e pelas famílias dos estudantes.

Emília Ferreiro e Ana Teberoski (2008) relatam que crianças da rede pública e de classe média têm o mesmo nível psicológico, linguístico, de escrita e fala. O que as difere umas das outras é o fato de que crianças da classe média se destacam porque têm acesso à internet, revistas e livros em casa. Para o professor, desafiar-se com as crianças em fase de alfabetização de forma remota é um papel marcante, que perpassa sua capacidade de medir o grau de aprendizagem de cada criança através da tela de celular, o que muitas vezes é inviável e acaba sendo uma forma de penalização, por estar longe da escola e não poder trabalhar de forma assertiva com o lúdico.

Diversas redes de ensino se viram diante da necessidade de se planejar para o retorno às aulas presenciais, mesmo que mantendo também o sistema remoto. Nesse momento, foi preciso articular uma proposta assertiva para acolher os alunos, com compreensão das diferenças entre eles, analisando a individualidade de cada um, com a certeza de que levaria algum tempo para colocar em prática ações e planejamentos ao longo período. Ademais, atentou-se para a necessidade de criar estratégias para recepcionar os alunos, como prova diagnóstica para averiguar o nível dos alunos que tiveram sua aprendizagem afetada.

A sala de aula migrou para a tela de um celular ou computador, porém, a maioria das crianças da rede pública não possui um celular próprio, em geral, há um único aparelho para o uso da família. Existem casos de famílias que têm três ou mais crianças, muitas vezes em anos escolares diferentes, e o aparelho deve ser compartilhados entre todos, o que gerou um grave empecilho ao ensino frente a esse contexto.

A aprendizagem é um processo não espontâneo, ou seja, demanda sempre a mediação de um adulto mais capaz, ou mesmo de pares (outros colegas). Desse modo, concordamos com Libâneo (2006) quando afirma que:

O aluno aprende na escola quando os outros, inclusive a professora e o próprio contexto institucional e sociocultural, o ajudam a desenvolver suas capacidades mentais, com base nos conhecimentos, habilidades, modos de viver, já existentes na ciência e na cultura historicamente acumulada. Isso não é, de forma alguma, espontâneo, nem depende somente do ritmo de aprendizagem de cada aluno. Depende de uma estrutura organizacional forte, da atuação da escola e dos professores como adultos que realizam a mediação cultural; depende de que suscitem nos alunos o desejo de aprender, de serem melhores pessoas, de compreender melhor as coisas (LIBÂNEO, 2006, p. 92).

A sala de aula é um espaço de interação, troca e ajuda mútua. O processo de alfabetização requer um direcionamento sistemático, intencional e planejado, e a escola é o espaço social encarregado dessa função. Segundo Klein (2003, p. 49), interessa à classe trabalhadora o domínio do conhecimento científico histórica e criticamente acumulado e sistematizado.

(...) Então o papel fundamental da escola é o acesso ao conhecimento. Não, entretanto, qualquer conhecimento, mas o conhecimento teórico-prático voltado para o desenvolvimento da sociedade, vale dizer, para sua transformação. Se assim é, a necessidade de ensino-aprendizagem do máximo de conhecimentos, da forma mais ampla, mais exitosa e no menor tempo possível, constitui o elemento central da organização do processo (grifos nossos).

No caso específico da alfabetização, a mediação docente é fundamental. Para que a alfabetização aconteça, a criança precisa ser ensinada, orientada, acompanhada, desafiada, precisa de apoio e orientação permanentes. A partir das formulações de Vygotsky (2007, p. 92), pode-se definir que, no seu papel de mediador, o professor explica, dá informações, questiona, corrige o aluno e o faz explicar: “Os conceitos da criança se formaram no processo de aprendizagem, em colaboração com o adulto” (VYGOTSKY, 1987, p. 92).

A mediação pedagógica possui um componente afetivo. Nada substitui o contato com a criança, o olhar, a palavra de estímulo. Pegar na mão para ajudá-la a escrever algo, convidá-la

para ir ao quadro, apontar uma palavra com o dedo, ler partilhadamente com ela um pequeno texto, uma frase, uma palavra, uma letra. Todas essas ações fazem parte do processo e permitirão que um dia essa criança possa ler e escrever com autonomia: “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VYGOTSKY, 2007, p. 98). A conquista dessa autonomia é fundamental na continuidade dos estudos e no seu processo de constituição de sujeito.

Nessa direção, Magda Soares (2020) explica que a alfabetização:

Não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um processo da representação, em que os signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas). Aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notação com que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas (SOARES, 2020, p. 11).

O ensino-aprendizagem é um processo complexo no qual a mediação pedagógica presencial é fundamental. Também Soares (2004, p. 16), ao se referir à alfabetização e ao letramento, diz que a aprendizagem inicial da língua escrita exige “múltiplas metodologias, algumas caracterizadas por ensino direto, explícito e sistemático – particularmente a alfabetização, em suas diferentes facetas – outras caracterizadas por ensino incidental, indireto e subordinado a possibilidades e motivações das crianças”

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo analisa 04 pesquisas que abordaram temas relacionados às estratégias e dificuldades dos docentes enquanto mediadores da alfabetização dos seus alunos. Os artigos incluídos são identificados como A1, A2, A3 e A4.

**Quadro 1- Distribuição dos estudos incluídos na revisão bibliográfica de acordo com autor, ano, título, base de resultados e conclusão**

Nº	Autor(es)/ano	Título/Base de dados	Objetivo principal da pesquisa	Principais resultados	Conclusão
01	Maria Eucrácia Barreto de Andrade	Alfabetização de Jovens, Adultos e Idosos em diálogo com Paulo Freire: uma experiência com tempos de Pandemia CAPES.	O presente artigo trata de relatos de experiências no ensino superior, em formato remoto, com o componente curricular optativo, de jovens, adultos e idosos, através da plataforma Google Meet, cuja proposta se desenhou a partir do pensamento, da vida e das obras de Paulo Freire.	Os resultados indicaram ações relevantes do componente, marcadas por ricas reflexões e problematizações colaborativas. A pesquisa possibilitou	Enfatiza a

				um significativo ganho de experiência para a construção do saber solidário, em que o processo de ensino aprendizagem é qualificado.	importância dos participantes num movimento voltado para a problematização do persistente esforço da realização de uma educação dialógica, humanizadora e libertadora.
2	Celestina Cruz Pedronida Fonseca	Alfabetização científica, elaboração e desenvolvimento profissional: investigando conexões em um grupo colaborativo de professores dos anos iniciais.	Desenvolver uma discussão e propor soluções para trabalhar a alfabetização científica.	É discutido como o grupo colaborativo mostrou-se efetivo para fomentar novas aprendizagens e visões fundamentais do processo de desenvolvimento profissional, sendo apontados os elementos que foram mais valorizados nesse processo pelas professoras.	Conclui-se que foram favorecidas em função do engajamento das professoras na cultura colaborativa.
A3	Pablo João Canal da Costa	Desenvolvimento do pensamento crítico por meio do estudo da lógica argumentativa na alfabetização científica.	É discutindo sobre o estudo da lógica argumentativa voltada à Alfabetização Científica entre os jovens, e como ela pode ser um recurso para preparar os jovens alfabetizados cientificamente.	Apresenta na forma de um ensaio aspectos bibliográficos que podem estabelecer um diálogo entre a alfabetização científica e a lógica filosófica.	Apresenta na forma de um ensaio aspectos bibliográficos que estabelecem um diálogo entre a alfabetização científica e a lógica filosófica.
A4	Adriano Santos de Mesquita	Prática pedagógica insubordinada criativamente: o livro infantil Coronavírus como potencializador da alfabetização científica e tecnológica no ensino de ciências nos anos iniciais.	O objetivo é compreender de que forma o conhecimento científico a respeito da pandemia é abordado no livro para fins da alfabetização científica dos estudantes.	O livro permite, por meio da linguagem didaticamente transposta aos leitores aos quais se destina, uma aproximação ao conhecimento científico, recorrendo ao uso de metáforas e comparações relativas ao cotidiano das crianças;	A4

Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

#### 4.1 Dificuldades Enfrentadas pelos professores na alfabetização durante a pandemia

O novo normal trouxe para o presente novos olhares para a educação praticada no passado. Com esse ponto de partida, podemos afirmar que a educação infantil é essencial para a alfabetização e o letramento. A fase de alfabetização inicial, particularmente na rede pública



de ensino, é uma das mais importantes para a criança, pois é o momento em que se inicia a formação das habilidades e desenvolvimento de uso da língua escrita, desde jovens e até adultos.

Os anos em que ocorrem a alfabetização são os pilares e alicerces da aprendizagem de leitura e escrita. O surgimento da pandemia trouxe consigo a tecnologia para a educação, e a impressão de que a sala de aula migrou automaticamente para tela de celular. Levando em consideração todo o contexto de 2020, a aproximação dos professores com a tecnologia nos leva para um cenário mais otimista para alcançar um país alfabetizado.

A Covid-19 impactou diversos setores da sociedade mundialmente. As consequências se manifestaram de muitas maneiras; nessa situação, as pessoas se mantiveram em distanciamento social, isto é, houve uma interrupção nas interações sociais. Na educação, as medidas de distanciamento social impuseram às escolas que implementassem o ensino remoto como possibilidade para conclusão do ano letivo. Nesse cenário, surgiram os questionamentos de como ministrar as aulas nesse formato, com qualidade e sem prejuízos aos alunos. Para além desse olhar atento, destacam-se os professores e seu importante papel no ensino-aprendizagem, por terem mediado as ferramentas de informações e tecnologias nas aulas realizadas. Como a modalidade de ensino online é uma alternativa de igualdade na educação, é importante apontar que, ainda sendo opcional, identificamos desigualdades sociais e tecnológicas no contexto da rede pública.

Com a percepção do isolamento pelos professores, a vontade de conservar os vínculos com as crianças, preservando o contato ativo, e ainda com falta de contato com o mundo da tecnologia, muitos contextos mudaram rapidamente para manter os professores motivados. Talvez estivéssemos atribuindo uma responsabilidade excessiva da aproximação dos professores com a tecnologia por conta da pandemia. Esse panorama trouxe uma grande inovação para educação – a tecnologia –, de forma que o ensino remoto se confundia com a própria tecnologia. Observamos, portanto, que com a pandemia houve o uso difundido do ensino remoto.

Entretanto, surgiram dificuldades para manter a atenção e motivação dos alunos nas aulas online, principalmente em relação à participação, bem como em conservar os pais como mediadores nas aulas com os alunos. Além disso, havia insatisfação com o ensino remoto, pela inefetividade na entrega das atividades pelos professores aos alunos e ausência de retorno dos alunos aos professores.

Nesse processo, precisou-se amplamente lançar mão da relação do respeito entre professor e aluno, na qual o educando tem autonomia e é ativo em todo o processo de ensino-



aprendizagem, o aluno torna-se sujeito da sua aprendizagem, privilegiando assim a autoavaliação (BARADEL, 2007; LUCKESI, 2005; LIBÂNEO, 2006). No entanto, observamos os desafios causados pelo distanciamento físico, incluindo as relações dentro das famílias dos estudantes. É evidente que o contato entre professor e aluno foi afetado no modelo de ensino online.

Salienta-se que, devido ao pouco número de interação pelos meios virtuais, essa parece não ser uma solução aceitável na educação básica, pelo fato de limitar o olhar atento do professor e pela redução das práticas que consolidam a participação dos sujeitos envolvidos. Aprender a lidar, a se adaptar às aulas remotas, foi um dos desafios enfrentados pelos docentes, que vivenciaram inúmeras adversidades, como a falta de cursos, formação e orientações na preparação de aulas remotas. Além disso, ressalta-se também a falta de equipamentos, de um lugar adequado para ministrar aulas, do conhecimento para produção de vídeos etc., de modo que em muitas situações foi preciso improvisar.

Gadotti (2000), ao discutir sobre as atuais perspectivas da educação, afirma que a escola é desafiada a mudar a lógica da construção de conhecimentos, e que, nessa direção, os jovens tendem a se adaptar com mais facilidade do que adultos ao uso do computador, por já terem nascido nessa nova cultura digital. O autor realça ainda que as novas tecnologias criaram espaços de conhecimento e que a escola precisa ser um centro de inovação. Por outro lado, destaca que não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem professores. Sublinha-se, nesse sentido, a importância da formação dos profissionais da educação para que as tecnologias digitais possam ser utilizadas como recursos efetivos, sem que as mediações docentes percam seu real valor na sociedade e nas interações presenciais com os alunos.

#### **4.2 Estratégias para alfabetização na pandemia**

Um dos objetivos deste estudo é compreender o papel da escola e da família no processo de alfabetização dos estudantes. Diante de toda situação apresentada, o acesso à educação passou a ser um debate ainda mais importante, e que depende diretamente da atuação da escola e do professor. Contudo, pontuando essa nova abordagem, entende-se que com o ensino remoto tornou-se mais forte a tendência de um novo formato de professor, o docente digital. Agora, ressaltando as práticas pedagógicas, tem-se que estas foram reestruturadas, ou seja, as atividades e a rotina de sala de aula tiveram que se adaptar a um novo modo de ensino.

É interessante refletirmos que a mudança dessas práticas não foi capaz de alcançar todos os estudantes. Isso ocorre porque vivemos em um país marcado por desigualdades sociais. Ao

pensar que, de acordo com Colello (2020), há uma parcela de estudantes que não conseguiu acompanhar as aulas pelo fato de muitos deles não possuir equipamentos tecnológicos, fica nítida a defasagem na área da educação.

Além disso, é importante sabermos a diferença entre o ensino remoto na rede pública e na rede privada, como citamos anteriormente, os alunos das escolas privadas têm mais recursos, em todos os sentidos. Com as escolas fechadas, levar o conhecimento para alunos que não têm acesso a equipamentos tecnológicos e internet tornou-se desafiador. Nesse contexto, o professor se adequa ao modelo posto com a incerteza de ter socializado a informação de forma equitativa e efetiva, pois a referida proposta de ensino não abrange a todos os alunos, tendo em vista que muitos deles não possuem acesso a elementos básicos da vida humana. Atividades impressas e em Pen Drive como opções foram algumas das possibilidades pensadas para o ensino durante a pandemia. Para alcançar todos os alunos ou a maioria deles, o investimento em políticas públicas é imprescindível, a fim de que todos os estudantes dispusessem de um equipamento tecnológico e acesso à internet.

Este estudo traz questionamentos e sugestões sobre como conduzir o fazer docente, em um momento desafiador e difícil para todos, tendo de um lado professores reelaborando suas didáticas e buscando novas alternativas de ensino, incluindo as escolas e demais profissionais da educação, e do outro os alunos, que também tiveram de passar por esse processo de adaptação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho teve como objetivo entender, a partir da literatura sobre a alfabetização em tempos de pandemia, o processo de alfabetização, e discutir a importância do professor nesse contexto. Foi possível atingir o objetivo proposto, bem como compreender ainda mais os desafios do professor alfabetizador em sala de aula. Além disso, de acordo com os resultados obtidos no presente estudo, podemos concluir que ainda existe uma escassez de publicações que abordam a temática. Evidentemente, nota-se o quanto ocorreram avanços no ensino e tecnologia, sendo impossível manter a qualidade da aprendizagem por conta desigualdade social.

Tendo em vista o objetivo acima, obteve-se com as pesquisas realizadas alguns desafios encontrados pelos docentes no processo de alfabetização no ensino remoto, tendo em vista que algumas crianças não foram contempladas, muitas vezes por motivos econômicos que afetam as famílias que dependem da rede pública de ensino.

## REFERÊNCIAS

BARADEL, Carina de Barros. **Didática**: contribuições teóricas e concepções de professores. 2007.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf). Acesso em: 22 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 544 de Junho de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19, e revoga as Portarias MEC nº 343, de 17 de março de 2020, nº 345, de 19 de março de 2020, e nº 473, de 12 de maio de 2020. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 de junho de 2020. Disponível em: Acesso em: 29 de maio de 2020 DELORS, J. (org.) 29 de maio de 2020.

COLELLO, S. M. G. Alfabetização em tempos de pandemia, **Convenit Internacional**, n. 35. São Paulo: Cemoroc - Feusp, jan-abr, 2021. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit35/silviapdf>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Editora Artimed, 2008.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Aulo: Atlas, 1999.

KLEIN, Lúgia Regina. **Alfabetização de Jovens e Adultos**: questões e propostas para a prática pedagógica na perspectiva histórica. Brasília: Universa, 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 17. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005.

LUIZ, Silvania. **Alfabetização na pandemia**: realidades e desafios. Orientadora: Thamyris Mariana Camarote. 2020. 38 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia à distância, Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2020. Disponível em [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19167?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19167?locale=pt_BR). Acesso em: 29 de maio de 2020.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Entrevista concedida a Emy Lobo. Futura, 8 nov. 2020. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 24 nov. 2022.



SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista brasileira de Educação**, n. 25, 2004. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt&format=pdf>.  
Acesso em: 22 nov. 2022.